



ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE E A LEITURA DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

Waléria Wolma Maia (Graduando/UFRN)

Elizete Kátia Santos (Graduando/UFRN)

Resumo: O presente trabalho é resultado das experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado na Educação Infantil integrante do curso de Pedagogia, estágio vivenciado na Escola Municipal de Educação Infantil São José, pertencente a rede pública do município de Caicó-RN. Tem o objetivo de expor as experiências iniciais da práxis docente, e a importância da leitura de história como principal foco da ação docente desenvolvida. Dessa maneira, o desenvolvimento do mesmo é baseado na nossa experiência no estágio, pois foi a partir desse momento, que concretizamos os aspectos positivos da leitura de história em sala de aula, do manuseio dos livros de história pelos os alunos, ou seja, vivenciamos bons momentos proporcionado pela utilização da leitura de história o que se sintetiza como excelente para o desenvolvimento cognitivo, da linguagem, aumento de palavras dos alunos.

Palavras-chave: Estágio; Docência; Práticas.

INTRODUÇÃO

Este texto é fruto de experiências vivenciadas por discentes do curso de Pedagogia do Centro de Ensino Superior do Seridó CERES/UFRN, no componente curricular de Estágio Supervisionado na Educação Infantil. Antes de abordá-las, porém, introduziremos uma discussão a cerca da importância do estágio supervisionado para a formação docente, uma vez que, o estágio supervisionado é uma atividade requisitada para a obtenção do grau de licenciado, ou seja, faz parte da grade do curso. Sendo a partir do mesmo que o discente vivencia situações relacionadas a profissão escolhida para seguir profissionalmente, dessa forma, se apresenta como um momento que exige preparo, atenção e dedicação.

O Conselho Nacional de Educação define o estágio Curricular Supervisionado como:



[...] tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário [...] é o momento de efetivar um processo de ensino/aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário. (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2004)

De acordo com o Regulamento dos Cursos Regulares de Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte o estágio é:

Art. 65. Estágio é uma atividade acadêmica específica, definido como o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação de educando para o trabalho produtivo.

Art. 66. O estágio será caracterizado como uma atividade acadêmica específica de um dos seguintes tipos, de acordo com sua natureza:

I - atividade de orientação individual, quando cada aluno dispõe do seu próprio orientador e executa o estágio de forma autônoma.

II - atividade especial coletiva, quando o professor orienta coletivamente um grupo de alunos em atividades de preparação ou prática para o exercício profissional.

Segundo Krug (2008) o estágio deve ser: “[...] concebido como uma experiência, ou seja, como um conjunto de vivências significativas através das quais o estagiário identifica, seleciona, destaca os conhecimentos necessários e válidos para a atividade profissional”. Para Pimenta (2002, p. 21), o estágio curricular supervisionado é entendido como: “[...] atividade que os alunos deverão realizar durante o seu curso de formação, junto ao campo futuro de trabalho [...]”.

Sendo assim, o estágio supervisionado na formação de professores como requisito para o grau de licenciado é alvo de várias definições e conceitos, em que podemos definir como uma atividade educativa e produtiva, que todos os envolvidos constroem suas próprias aprendizagens e se auto-avaliam, uma vez que, após a prática



docente do estágio a um momento de compartilhamento de experiências e reflexões. Nesses momentos há maioria dos discentes compartilham suas experiências que servem de aprendizado não só para eles próprios, mas para todos os demais que estão passando por esse momento como podemos aferir no livro de Pimenta e Lima (2008, p. 104):

Aprendemos na escola que o ver e o escutar de forma crítica e reflexiva o que estava em nossa volta propícia um novo olhar. Um olhar que escuta, ouve e aprende a ver o outro, a realidade, cria e busca a sintonia do outro, do grupo e de outras pessoas (Aluna do Programa Especial de Formação Pedagógica).

Tenho muito cuidado com tudo que vou fazer lá. Poucas possibilidades de contribuir com a escola estou conseguindo vislumbrar. A escola já tem tantos problemas! O pessoal da administração e os professores tentando minimamente dar conta de suas inúmeras tarefas [...] Tenho a sensação de estar atrapalhando (Aluna do curso de Pedagogia).

Dessa maneira, percebe-se que há uma explanação de experiências que podem ser motivos de reflexão para outros discentes estagiários, contribuindo para que os próximos estagiários possam pensar nas suas práticas, entenderem que a aflição e o medo fazem parte de todos, pois é um momento difícil em que os estagiários deixam de serem alunos e passam a serem professores. Professores que precisam desenvolver habilidades para saberem lidar com as situações de sala de aula, com os imprevistos, com a real situação da instituição onde irão estagiar, mas compreenderem também que é no estágio que os mesmos executam o real ofício da profissão, o momento que aprendem na prática o “como fazer”, como desenvolver as atividades pedagógicas entendendo como atividades pedagógicas uma execução de tarefas intencionadas, ou seja, é quando o estagiário precisa articular estratégias para desenvolver atividades que consigam atingir objetivos de acordo com a necessidade da realidade.

Com isso, fica evidente que a formação oferecida em sala de aula é de fundamental importância, mas que só ela não é suficiente, ou seja, o graduando não está



totalmente apto a exercer seu ofício, mas que para isso é necessário o estágio supervisionado possibilitando ao mesmo o primeiro contato com a sala de aula e seus desafios.

METODOLOGIA

Para desenvolvermos esse artigo utilizamos da pesquisa qualitativa, por meio de leituras e debates ocorridos no estágio I referente a observações na educação infantil e estágio II de regência na sala de educação infantil, debates esses sobre a importância do estágio para a formação docente e da leitura de história como atividade pedagógica, usando a nossa experiência de estágio e a leitura de história como suporte para o desenvolvimento de atividade pedagógica enfatizando a importância da mesma, e a visão de autores que discutem a importância do estágio e da leitura de história como atividade pedagógica como Selma Garrido Pimenta, Maria do Socorro, Tardiff Lessart, Abramovich entre outros.

Sobre a importância do estágio utilizamos os depoimentos de algumas estagiárias contidos no livro de Pimenta e Lima (2008) fazendo uma análise de seus depoimentos, isto é, seus medos, suas angústias, as contribuições do estágio para a sua formação, juntamente com a análise das nossas aflições e experiência de estágio. Analisando o que significa o momento do estágio para nós discentes, uma vez que, todos nós precisamos passar por essas experiências, para que possamos colocar na prática o que aprendemos com a teoria, e assim procurar fazer uma ligação de teoria e prática, com base em que as mesmas caminham juntas como cita Pimenta e Lima (2006. p.6):

(...) não é raro ouvir-se dos alunos que concluem seus cursos se referirem a estes como ‘teóricos’, que a profissão se aprende ‘na prática’, que certos professores e disciplinas são por demais ‘teóricos’.



Que ‘na prática a teoria é outra’. No cerne dessa afirmação popular, está a constatação, no caso da formação de professores, de que o curso não fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica. Ou seja, carece de teoria e de prática. (2006. P.6

Ou seja, trabalhamos apenas com a análise de depoimentos escritos e oral de diversas estagiárias e experiências vivenciadas por nós mesmas.

VIVÊNCIA DO ESTÁGIO

Neste tópico iremos expor algumas vivências do nosso estágio na educação infantil, procurando fundamentar o uso da leitura de história e manuseio de livros pelos os alunos como práticas pedagógicas utilizada e a contribuição dessa experiência em nossa formação docente.

Sendo assim, em nossas observações para a regência percebemos que as crianças não conseguiam permanecer com atenção para uma determinada atividade ou brincadeira, fato que dificultava as atividades da professora e que nos deixou preocupada. Seguindo as observações um dia após o intervalo a professora resolveu fazer a leitura de uma história, foi a partir daí que decidimos trabalhar com a literatura infantil, uma vez que, os alunos ficaram bastante atenciosos para a história da professora.

Então com base nessas observações, planejamos um projeto com leituras de histórias, que, segundo Abramovich (1997, p.143) “Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... pode se sentir inquieto, percebendo que pode mudar de opinião.” Dessa forma, a leitura de história contribui para formação do indivíduo nos aspectos social, emocional e cognitivo formando um ser responsável e atuante na sociedade, isso porque vive em uma sociedade onde as trocas sociais acontecem rapidamente, seja através da leitura, da escrita, da linguagem oral ou visual.



Sendo assim, a escola busca formar e desenvolver na criança as competências de leitura e de escrita, para isso, a literatura infantil pode contribuir de maneira positiva neste processo. Assim, Bakhtin (1992) expõe sobre a literatura infantil destacando que por ser um instrumento motivador e desafiador, ela é capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade.

Além disso, a leitura instiga a criatividade, o imaginário, possibilitando que por meio dessa, as crianças desenvolvam a imaginação, podendo criar e recriar de acordo com sua criatividade, como cita Abramovich (1997, p.17) “É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões”.

A leitura de história também possibilita que as crianças possam interagir por meio da mesma, isso quando acontece um momento afetivo, despertando emoções e imaginação entre a história e as crianças, ou seja, com essa interação as crianças podem vivenciar os lugares, os sentimentos existentes na história como cita Abramovich (1995, p.17) “é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula”.

Então, podemos perceber que por meio da leitura de história as crianças conhecem outras culturas, povos, lugares, de forma interativa, ou seja, sem ser cansativo, enfadonho, além de despertarem o interesse, a curiosidade e a interação. Estimula também o desenho, a música, o pensar, o teatro, o brincar, o manuseio de livros, o escrever e a vontade de ouvir novamente. Pois, cada vez que a criança escuta ou ler a história ela cria um novo olhar, descobre um novo significado, ou seja, sempre ver algo diferente de antes, construindo um novo sentido para o que está escutando, lendo ou vendo.



Tendo em vista, que também é importante a gravura dos livros infantis, uma vez que, por meio das mesmas a criança pode fazer outras leituras e interpretações, além de existir uma relação entre as duas formas de linguagem tanto a escrita como a de imagens como mostra Ramos e Panozzo (2006):

Na estrutura do texto de literatura infantil percebe-se que, em determinados momentos, a imagem antecipa sentidos revelados pela palavra, em outros, mostra sentidos paralelamente, tratando de aspectos não explicitados pelo sistema escrito; por vezes, apenas confirma as palavras, por outras, orienta a leitura. (RAMOS; PANOZZO, 2006, p. 11).

Além dessas contribuições citadas sobre a leitura de história no processo de ensino aprendizagem, a mesma também favorece de forma significativa para vários papéis pedagógicos, um deles é contribuir com o trabalho sobre os temas transversais, pois nas histórias existem as ações dos personagens que indicam atitudes, ou seja, os personagens traçam caminhos, que podem servir como lição, um conselho, uma advertência, uma vez que, as crianças muitas vezes seguem as atitudes de personagens que admiram ou se identificam.

E a partir dessas atitudes pode nas trabalhar com crianças o que é considerado “certo” ou “errado”, como eles fariam se estivessem no lugar daquele personagem, possibilitando a criança refazer a história da sua maneira expondo seu pensamento. Através dessas ações, acontece a instrução, pois ocorre a aquisição de conhecimentos, ou seja, desenvolve o vocábulo, o sentido de ética, de cidadania, a linguagem da criança, o sentido artístico, o emocional e o intelectual.

Portanto, leitura de história tem diversas funções como podemos perceber, contribui para a expansão da linguagem, estimula a inteligência, possibilita que o aluno reflita desenvolva a memória, a atenção, a concentração, o pensamento lógico, dá aporte para a aquisição de conhecimentos, além de ajudar no desenvolvimento do hábito da leitura, tendo em vista que, quando a criança tem constante contato com a leitura, ou convive com pessoas que possuem o hábito de ler, a mesma se sente incentivada a ler, com isso, quando o professor ler para a criança, essa deseja imitá-lo criando o hábito da



leitura, desenvolve a habilidade de ouvir/escutar atitude bastante importante para o convívio em sala de aula, auxilia na revelação das diferenças individuais e para o respeito dessas diferenças criando hábitos e atitudes sociais e morais, assim como tantas outras funções da leitura de história.

Tendo como aporte todas essas contribuições, procuramos colocar a leitura de história no nosso planejamento como uma atividade desenvolvida a cada dia, sempre fazendo uma relação da história lida em sala com o tema da aula. Dessa forma, como estávamos no mês das mães, e tínhamos que trabalhar com seu significado decidimos utilizar como suporte para iniciarmos o assunto a leitura do livro “o patinho feio”, em outra versão, em que, mesmo o pato sendo feio a mãe o amava como os outros filhos, nesta literatura o papel da mãe era bem destacado, e a partir daí iniciamos uma conversa sobre a importância das nossas mães ou das pessoas que cuidam de nós, as crianças falaram um pouco sobre suas mães, se gostavam, se não gostavam, o que suas mães faziam surgindo o interesse de comentar e de participar ativamente da aula.

Metodologicamente desenvolvemos a referida leitura com uma antecipação pré-textual, textual e pós-textual, ou seja, uma metodologia que tivesse a interação das crianças, deixando-as expor suas ideias, desenvolver o cognitivo através de questões referentes as literaturas apresentadas em cada dia como: “Os dez amigos” e “O joelho Juvenal” da coleção Corpim de Ziraldo, “Planeta animal filhotes” de Souza (2010), “Maria vai com as outras” de Sylvia Orthof (1996), “O Coelho Teobaldo” da Coleção de Bichinhos Travessos, “A vaquinha” da Coleção de Animais de Estimação entre outras.

Foi por meio desses livros que conseguimos chamar a atenção das crianças para o que iríamos trabalhar com os mesmos, como: a importância das mães ou das pessoas responsáveis pelos mesmos, os movimentos corporais, a motricidade grossa, ou seja, com livros que envolvesse esses temas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver o interesse e o hábito pela leitura é um processo constante, que começa muito cedo, em casa, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida inteira. Existem diversos fatores que influenciam o interesse pela leitura, sendo assim, ao finalizarmos este artigo reafirmamos que a literatura infantil trouxe só contribuições para o nosso estágio, que a mesma só veio enriquecer o mesmo. Sabemos como foi importante trabalhar com as crianças a literatura infantil, que os resultados que obtivemos foi mais além do que esperávamos, uma vez que as crianças corresponderam aos nossos objetivos.

Para nós graduandos foi gratificante desenvolver atividades com a literatura infantil, pois percebemos o quanto é importante trabalhar desde cedo com a leitura de história, em que se o professor souber fazer o uso da literatura, ela irá contribuir muito para o desenvolvimento da criança. Se essa literatura não for bem trabalhada, despertará na criança o desprazer pelas leituras. É uma tarefa não tão fácil, que exige do professor conhecimento, para saber que literaturas usar com às crianças, é um campo amplo de estudos, em que deve-se gerar um momento de prazer, imaginação e estimulação a leitura.

REFERENCIAS

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e Docência/ Selma Garrido Pimenta, Maria Socorro Lucena Lima*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos).

BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, (Coleção magistério Série Formação do professor). 2008.

SOUZA, Paulo S. *Planeta animal filhotes*. São Paulo: Bicho esperto, 2010:

O POTRINHO Percival. São Paulo: Brasileitura,[s/d]. (coleção bichinhos travessos)

O COELHINHO teobaldo. São Paulo: Brasileitura,[s/d]. (coleção bichinhos travessos)



VAQUINHA. São Paulo: Brasiletura, [s/d]. (coleção animais de estimação)

ORTHOFF, Sylvia. *Maria-vai-com-as-outras*. São Paulo: Ática, 1996. (Coleção Lagarta Pintada)

ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5.ed. São Paulo : Scipione, 1995.

BRASIL. Leis de diretrizes e bases da educação nacional Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Leis de diretrizes e bases da educação nacional Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular para a Educação Infantil. — 3 v. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. “LEI n.º 9394, de 20.12.96, Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional”, in Diário da União, ano CXXXIV, n. 248, 23.12.96.

RAYMUNDO, Gislene Mioto Catolino. Prática de ensino e estágio supervisionado: eixos articuladores na formação inicial dos professores da educação básica. *Revista Exitus* . v. 02 . n. 02 . Jul./dez. 2012.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. *Revista Poiesis*. V. 3. N.3/4. 2005/2006

LIPPI, Elisiane Andreia; FINK, Alessandra Tiburki. A arte de contar histórias: perspectivas teóricas e práticas. *Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URJ*. v. 8. n. 14. maio. 2012.

SOUZA, L. O.; BERNADINO, A. D. A contação de história como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. *Educere Et Educare*, São Paulo, v.6, n. 12, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:NhyCuSHsoMUJ:erevista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/download/4643/4891+A+CONTAÇÃO+DE+H>.

Acesso em: 25 de mar. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Regulamento dos cursos regulares de graduação da UFRN. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:vBnA3HRIePEJ:www.sistemas.ufrn.br/hared/verArquivo%3FidArquivo%3D1337232%26key%3Db6f052bb3ed0664362fb60647>. Acesso em: 20 de mar. 2013.